



A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA RACIAL ASIÁTICA ATRAVÉS DE ESTEREÓTIPOS: HOLLYWOOD COMO FICÇÃO OU REALIDADE?

THE DEVELOPMENT OF ASIAN ETHNIC RACIAL IDENTITY THROUGH STEREOTYPES: HOLLYWOOD AS FICTION OR REALITY?

TAO, Juliana¹

<https://orcid.org/0000-0001-8874-5426>

RESUMO: O presente artigo destaca de que forma os estereótipos de Hollywood acerca da raça amarela afetam a construção da identidade pessoal de asiático em geral. O objetivo foi uma contextualização histórica e conceitual da formação de estereótipos e má representação, ou seja, atribuições danosas para uma interpretação asiática cinematográfica, como por exemplo, a noção de *Minority Model*, frequentemente presente em longas-metragens hollywoodianas. Além disso, teve-se o esforço em desenvolver seus impactos na construção de tal identidade para então notabilizar este debate de grande relevância. Com isso, através de revisões bibliográficas, foi possível relacionar cenas pontuais em filmes estadunidenses, nas quais retrataram de algum modo, algum tipo de estereótipo asiático. Nesse sentido, de acordo com tal relação, explica-se como essa problemática afeta de forma negativa a formação de uma identidade individual. Em vista disso, concluiu-se que a continuação desse aspecto pode acarretar em consequências prejudiciais para tal fenômeno pessoal, uma vez que é possível interferir negativamente na sua construção. À vista disso, em suma, procurou-se relacionar os efeitos do padrão de má representação asiática no desenvolvimento de uma identidade asiática livre de concepções

PALAVRAS-CHAVE: Estereótipos; Identidade; Representação; Hollywood; Asiático.

ABSTRACT: This article highlights how Hollywood stereotypes about Asians, in general, affect the construction of their personal identity. The objective was a historical and conceptual contextualization regarding the formation of stereotypes and misrepresentation, that is, harmful attributions for an Asian cinematographic interpretation, such as, the notion of *Model Minority*, often present in Hollywood feature films. In addition, an effort was made to develop its impacts in the construction of such an identity in order to emphasize this highly relevant debate. With that, through bibliographic reviews, it was possible to relate punctual scenes in American films, in which they somehow portrayed some kind of Asian stereotype. In this sense, according to this relationship, it is explained how this problem negatively affects the formation of an individual identity. In this view, it was concluded that the continuation of this aspect can lead to harmful consequences for such a personal phenomenon, since it is possible to negatively interfere in its construction. Hereupon, in short, it was sought to relate the effects of the Asian misrepresentation pattern in the development of an identity free of preconceptions.

KEYWORDS: Stereotypes; Identity; Representation; Hollywood; Asian.

¹ Acadêmica do curso de Relações Internacionais pela Faculdade Integrada das Cataratas (UDC). E-mail: taona08@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Segundo Paner (2018), se a única forma de assimilação for através da retratação de estereótipos em filmes, então sendo assim, os asiáticos podem vir a acreditar que é desse modo que os Estados Unidos os aceitariam e poderiam internalizar tais representações. Com isso, entende-se que existe uma problemática no modo como os estereótipos de Hollywood acerca da raça amarela afetam a construção da identidade pessoal de asiáticos. Dessa forma, este artigo trouxe uma abordagem dos efeitos na construção de tal fenômeno, através de uma contextualização teórica social, a partir da influência de estereótipos étnicos e raciais retratados em obras cinematográficas.

Em vista disso, torna-se necessário a análise de tal fenômeno, em particular por se propagar, muitas vezes, em falas racistas e/ou xenofóbicas. Além disso, a representação equivocada desse grupo não só afeta a construção da identidade desses indivíduos, mas também impacta na percepção da sociedade sobre eles. É fato como filmes de Hollywood perpassam a vida de indivíduos no mundo todo. Nesse sentido, a constante retratação negativa por meio de estereótipos pode acarretar em consequências significativas, sobretudo quando essa exibição se dá em uma potência mundial originadora de costumes e influenciadora de opiniões.

Desse modo, este artigo tem como objetivo a apresentação de estereótipos presentes em obras cinematográficas além de desenvolver seus impactos na formação de uma identidade livre de preconceções. Com isso, analisaram-se três filmes selecionados, nos quais exibem de forma explícita tais representações equivocadas. Mais que isso, pôde-se relacionar como a interpretação das retratações descritas afetam a construção da identidade e o sentimento de pertencimento a sua etnia.

Para que a pesquisa fosse possível, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, ou seja, a elaboração de um artigo com base em livros e artigos científicos publicados, nos quais foram produzidos através de estudos acadêmicos. As obras da língua inglesa foram traduzidas livremente quando houve a necessidade de referencial teórico para fundamentar um ponto abordado dentro deste artigo. Com isso, as análises de tais monografias, periódicos e/ou livros foram devidamente referenciadas conforme de forma para apoio científico.

Assim, em um primeiro momento, mostrou-se fundamental a apresentação dos conceitos acerca do tema. Em vista disso, o tópico que se inicia o desenvolvimento deste artigo buscou explicar como se dá a formação de identidade através da representação. A seguir, desenvolveu-se sobre a definição de estereótipo, trazendo alguns exemplos quanto

a que se referem aos asiáticos, tal como o mito da minoria modelo. Ademais, expôs-se de forma breve uma conexão intrínseca entre o reflexo de uma má representação de grupos e/ou indivíduos com a possibilidade de danos na construção de uma identidade livre de preconceções.

No segundo tópico, discorreu-se sobre a história por trás dos estereótipos asiáticos, em particular como que eles vieram a ser estabelecidos na sociedade estadunidense. Dessa forma, observa-se a histórica relação entre os Estados Unidos com países asiáticos, de modo no qual a xenofobia por trás do “perigo amarelo” foi tomada como legal. Foi possível também discutir a transição de tal estereótipo para a noção de minoria modelo e como se dá a ambivalência entre eles. Outrossim, buscou-se explicar a manifestação de outras má representações, como a imagem da mulher oriental e brevemente, a concepção de “tanto faz”, estipulada na aparência dos indivíduos, difundida em relação aos asiáticos de modo estabelece que todos são fisicamente iguais, noção a qual inviabiliza suas nacionalidades e etnias.

Logo, de acordo com o exposto, pôde-se realizar uma análise das seguintes obras cinematográficas escolhidas: *Gran Torino* (2008), *A Grande Aposta* (2015) e *o Mundo de Suzie Wong* (1960). Nessa sequência, a estrutura de crítica foi definida a partir de aspectos apenas pontuais dos longas-metragens representativos e compõe as seguintes pautas: o mito da minoria modelo, a disseminação da noção de “perigo amarelo” por meio de vilões e a representação da mulher asiática. De tal modo, buscou-se relacionar como tais pensamentos impactam na construção da identidade étnica racial de asiáticos. Vale ressaltar também como tais indivíduos são recebidos na sociedade simplesmente por estarem vinculados a essas interpretações equivocadas negativas de quem são e/ou como se comportam.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE A PARTIR DA REPRESENTAÇÃO

Em sua obra, “A identidade cultural na pós-modernidade”, Hall apresenta a mudança que o conceito de identidade sofreu ao longo dos séculos e como tal transformação ainda se dá nos dias atuais. Desse modo, o sujeito moderno é entendido como uma individualidade fluida e deslocada, diferentemente da visão que o antecede, na qual sua identidade era um fenômeno maciço, unificado e imutável (HALL, 2006). Nesse sentido, de acordo com Hall, a Reforma Protestante e a Contrarreforma romperam com a associação de consciência individual presente nas instituições religiosas. Com isso, somado ao Humanismo Renascentista, emergiu-se então um conceito de identidade moderno no qual ela é individual, singular e distinta. Nesse contexto, houve a emergência de debates no campo da filosofia

e da sociologia acerca da identidade e como tal é manifestada para com o indivíduo (HALL, 2006).

A identidade, a partir de uma perspectiva psicológica, é essencialmente um aspecto personalizado. Ela se constrói através de níveis de identificação no campo social. Almeida (2013, p.2) afirma que “os valores culturais se formam através de normas, hábitos, leis e preconceitos e são fatores determinantes na construção da identidade”. Nesse viés, tais preconceitos compõem então a construção da identidade marcada pela diferença. Dessa forma, compreende-se que é uma formação na qual o indivíduo possa se distinguir dos outros de forma própria e assim partindo também do pressuposto de exclusão, em termos simples, é a comparação da identificação do estranho para o próprio (WOODWARD, 2000). Mais que isso, tal formação é socialmente atribuída e desse modo, percebe-se a influência da representação do fenômeno junto a uma “comunidade imaginada” formada por culturas nacionais. (HALL, 2006).

Uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades (HALL, 2006, p. 50-.51).

Não obstante a isso, seres humanos não são capazes de isolar cientificamente a condição não interpretativa da emoção humana. Nesse viés, toda e qualquer representação humana assim como as emoções, são fatores interpretados (CORRÊA, 2017). Com isso, Woodward (2000) explica o “circuito da cultura” como “aquele em que o foco se desloca dos sistemas de representação para as identidades produzidas por aqueles sistemas”. Dessa forma, os sentidos produzidos da cultura nacional de Hall convergem junto ao circuito da cultura de representação de Woodward. Tomando tais concepções como norte, entende-se que os significados dados às experiências individuais são de fato as interpretações dos sistemas de representação cultural. Nesse sentido, uma vez que o indivíduo assume para si um sentido próprio de tal esquematização, cria-se então sua identidade pessoal.

Em vista disso, a compreensão de quem ser, como em coletivo ou individualmente, depende da interpretação e do reconhecimento dado pelos outros através dos sistemas de representação. Além disso, retoma-se a política de diferença de Woodward, na qual perpassa a noção de reconhecimento. Desse modo, destaca-se a distintividade reconhecida de um grupo de indivíduos. Entretanto, tal distintividade pode ser assimilada, muitas vezes, a outras comunidades, formando uma identidade majoritária. A problemática de tal assimilação está interligada ao conceito de autenticidade, noção que retrata de certa forma, a continuidade

de uma cultura (TAYLOR, 1994).

O ESTEREÓTIPO E A IDENTIDADE REPRESENTADA

O estereótipo é de certo modo uma reflexão distorcida da realidade. Sob esse viés, ele se manifesta através de elementos emocionais, nos quais baseiam a percepção de determinados indivíduos. Dessa forma, eles são de fato estruturas cognitivas que possuem impactos psicossociais. Não obstante a isso, contêm-se também expectativas nas quais, muitas vezes, associam-se ao aspecto de gênero, aparência física, “raça” e nacionalidade (PAULO, 2014). Nesse âmbito, entende-se que os estereótipos são capazes de prescrever os comportamentos dos indivíduos.

Na obra *Opinião Pública* de Walter Lippman, analisa-se o modo em que são construídas representações de realidade social e como as mesmas são impactadas por fatores externos e internos. No mesmo sentido, tais concepções servem simultaneamente como guia para condutas e como mecanismo de defesa, no qual concede ao indivíduo, a disposição para proteger seus interesses, valores e sua posição na sociedade (LIPPMAN, 1922/1961, apud CABECINHAS, 2004). Em vista disso, entende-se que, de fato, os estereótipos são considerados preconceções equivocadas de determinado grupo de indivíduos, nas quais se originam a partir de um mecanismo de defesa da cultura hegemônica. Tal meio torna o ambiente social no qual esses sujeitos estão inseridos, um espaço de preconceitos, derivados possivelmente de expectativas de comportamento negativas.

Um indivíduo ou um grupo de pessoas podem sofrer um verdadeiro dano, uma autêntica deformação se a gente ou a sociedade que os rodeiam lhes mostram como reflexo, uma imagem limitada, degradante, depreciada sobre ele (TAYLOR, 1994, p. 25).

De acordo com a citação acima, percebe-se que o estereótipo é esse reflexo no qual pode gerar efeitos prejudiciais a um indivíduo ou, nesse caso, a um grupo de indivíduos. Com isso, apesar de agir como um mecanismo de defesa da compreensão de mundo, o estereótipo é, muitas vezes, danoso para com o grupo o qual ele estereotipa. Desse modo, a partir da associação de características degradantes sobre o mesmo, entende-se que isso articula não só uma deformação na construção de sua identidade, uma vez que afeta e amplia aspectos de inseguranças, mas também no sentimento de pertencimento (TAYLOR, 1994). Nesse viés, as consequências desse fenômeno podem se relacionar com provocações na saúde mental, psicológica e emocional (AOKI, 2020). Um exemplo de tal manifestação é dado no estereótipo de minoria modelo.

O mito da minoria modelo é uma formulação norte-americana que estigmatiza e retrata os asiáticos como trabalhadores centrados, antenados à tecnologia e pouco afeitos às esferas pessoais, familiares e sociais da vida. (AOKI, 2020, p. 16).

Mais que isso, tal reflexo comporta também expectativas de serem bons em matemática ou inexplicavelmente inteligentes. Desse modo, essa leitura do estereótipo impacta a individualidade dos sujeitos, de forma a retirar a considerável autenticidade que Taylor menciona anteriormente. Nesse âmbito, de acordo com Aoki (2020), uma vez que os brancos rotularam asiáticos como minoria modelo, tais sujeitos começaram a se identificar assim. Isso se problematiza no momento em que se é esperado do grupo, tal comportamento. Em outras palavras, no caso de indivíduos pertencentes ao grupo asiático e, por conseguinte, ao estereótipo de minoria modelo, não se totalizarem como “indivíduos modelos” acabam, com efeito, entendendo que são distanciados e diferenciados do mesmo povo que pertencem (AOKI, 2020). Tal compreensão não causa apenas um sentimento de certa decepção, mas também de confusão e não pertencimento, nos quais somados, tendem a afetar de forma negativa e prejudicial à construção de sua identidade pessoal.

Somado a isso, vale ressaltar o estereótipo racial do “perigo amarelo”, o qual surgiu no Ocidente, no final do século XIX. Nesse sentido, tal noção pode ser considerada a segunda face do estereótipo de minoria modelo (LEE, 1999, apud KAWAI, 2005). Nesse cenário, apesar de o rótulo de minoria modelo ser oposto ao do “perigo amarelo”, ambos caminham em uma linha tênue, na qual o indivíduo modelo, em busca de sucesso através de dedicação, pode se transformar em tal estereótipo negativo (LIM, 2014). Mais que isso, Lim (2014) cita Suzuki (1989), autora do artigo “*Asian Americans as the Model Minority: Outdoing Whites? Or Media Hype?*”, que apresenta como o mito de minoria modelo destaca o sucesso de indivíduos nos quais foram capazes de “superar o racismo e ‘fazer acontecer’ em uma sociedade americana, por meio de trabalho duro, perseverança paciente e acomodação quieta” (SUZUKI, 1989, apud LIM, 2014, p.4, tradução nossa).

O CONTEXTO HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DO ESTEREÓTIPO ASIÁTICO

A partir disso, pode-se fazer uma relação entre os estereótipos asiáticos retratados atualmente com a longa história de interação dos Estados Unidos com países da Ásia. Nesse sentido, destaca-se a onda de propaganda estadunidense chamada de *yellow peril*, “perigo amarelo”, na qual pintava indivíduos do leste e sudeste da Ásia como um perigo e ameaça existencial para os ocidentais (KAWAI, 2005). Para Sriganeshvarun e Chien Poo, tal conceito pode ser considerado o ponto de partida para a estereotipagem negativa de

indivíduos amarelos. Outrossim, tal disseminação de imagem foi utilizada como justificativa para o Ato de Exclusão Chinês, no qual proibiu a imigração chinesa por um período de 10 anos e não permitia a nacionalização de chineses já residentes nos Estados Unidos (PANER, 2018).

Em sua obra *The Chinese Exclusion Act of 1882* (O ato de exclusão chinesa de 1882), Soennichsen (2011) explica os eventos que levaram ao movimento da imigração chinesa para os Estados Unidos até a implementação da lei presente no título do livro. Dentre tais acontecimentos, é possível citar a crise econômica gerada pelo início e fim da Guerra do Ópio, guerras civis e a esperança de uma vida mais próspera na “terra do mundo livre”. Nesse cenário, os chineses se deslocaram para o país a fim de trabalhar nas minas de ouro, nas quais eles demonstraram facilidade e desempenho melhor do que os estadunidenses. Dessa forma, a população estadunidense cobiçava a restrição dos trabalhadores chineses no país, argumentando que os mesmos estavam roubando seus empregos e salários, assim prejudicando seu famoso “*american way of life*” (estilo de vida americano) (SOENNICHSEN, 2011).

Figura 1: Pôster do *Yellow Peril*



Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:YellowTerror.jpg>

Nesse contexto, foi consolidado então o estigma de perigo, degradação e competição negativa dos chineses, fato que, nesse caso, serviria como fundação para o início do *yellow peril* (SOENNICHSEN, 2011). Seguindo tal linha de raciocínio, uma vez com interesses políticos em mente, o Congresso dos Estados Unidos votou para a criação da lei de exclusão chinesa em 1882, a fim de satisfazer os eleitores do país. A partir desse momento, estabeleceu-se um critério para o “perigo amarelo” de forma que tal estereotipagem e xenofobia foram tomadas de certo modo como legais (KAWAI, 2005).

Com isso, nota-se que existe uma ambivalência entre os estereótipos asiáticos (KAWAI, 2005). Nesse sentido, retomando aos princípios anteriores, a noção de minoria modelo é estabelecida para diferenciar as minorias do asiático-americano com o africano-americano, de forma que ambas seguem sendo inferiores aos estadunidenses brancos, mas simultaneamente existindo a comparação entre elas a fim de reduzir uma ou outra, e nesse caso, os africanos-americanos (KAWAI, 2005). Isso porque, a partir do momento em que foram estabelecidos os indivíduos modelos para, como Kawai (2005, p.3) aponta, serem considerados “o grupo que, ao contrário de outros grupos raciais minoritários, avança apenas com seu próprio esforço na sociedade americana” (tradução nossa), a caracterização anterior do asiático vilão e cruel é substituída.

Em suma, o estereótipo da minoria modelo é inspirado na ideia de daltonismo no sentido de que o sucesso alcançado pelos asiático-americanos está mascarando a presença do racismo institucional com uma fachada de uma sociedade americana aberta e justa que permite que as minorias raciais subam na hierarquia social (LIM, 2014, p. 5, tradução nossa).

Em vista disso, observa-se que tal ambivalência se consiste no fato do “perigo amarelo” existir concomitantemente com o mito da minoria modelo uma vez que são noções contraditórias, mas podem acabar se complementando, pois estão na mencionada “linha tênue”. Nesse viés, Lim (2014, p.5) argumenta que “a construção da noção de minoria modelo está relacionada à criação de uma ‘face menos ameaçadora do perigo amarelo’ (tradução nossa). Assim, é possível observar que a relação entre ambos os estereótipos se dá no fato de a estipulação dos mesmos vir somente onde condiz com os interesses dos americanos no momento em que lhes convém.

Ademais, ao longo das décadas, contextos internacionais serviram de influência para a continuação de tal pensamento. Em particular, o bombardeamento da base militar estadunidense de Pearl Harbor por parte dos japoneses fortaleceu uma espécie de precedente

para tal ameaça asiática (KAWAI, 2005). Nesse âmbito, o conflito entre os Estados Unidos e o Japão travado na Segunda Guerra Mundial auxiliou para a solidificação da imagem do japonês como uma pessoa desprezível e cruel. Desse modo, o bombardeamento em 1941 de certa forma “inflamou” tal estereótipo, no qual em seguida levou ao surgimento de campos de concentração para japoneses nos Estados Unidos. (OKIHIRO, 1994, apud LIM, 2014).

Vale ressaltar também a existência de um hábito que, de certa forma, torna-se racista em termos de aparência física. Isto é, elencar qualquer ator asiático em um papel no qual não condiz com sua ascendência, etnia e/ou nacionalidade (PANER, 2018). Nesse viés, entende-se que a escolha de um elenco indiscriminadamente se deu através do infame estereótipo asiático do “tanto faz”. Nele, em vista da semelhança física existente entre as etnias como, por exemplo, chineses, coreanos, japoneses e vietnamitas, os responsáveis por selecionar os atores para papéis em que os personagens possuem alguma relação com a Ásia, partem do pressuposto que são todos iguais e sua nacionalidade não entra em questão.

Isso se problematiza porque, de certo modo, apaga-se o contexto histórico-cultural de tais etnias, eliminando assim suas identidades nacionais. Nesse viés, Aoki (2020) afirma que, de alguma forma, por conta dos “asiáticos amarelos” terem sido rotulados como a minoria modelo pelos brancos, eles tiveram – e ainda têm – acesso a muitos dos benefícios que a branquitude oferece, porém a autora atesta que “apesar disso, quando olham para a indústria hollywoodiana em busca de representatividade, dificilmente se enxergam”. Desse modo, uma vez que quando Hollywood começa a transmitir tais sentimentos e difundir essa imagem do “tanto faz”, a sociedade irá seguir o exemplo.

Não obstante a isso, vale notar a origem do estereótipo da mulher asiática de acordo com seu relacionamento com os homens estadunidenses. Nesse viés, observa-se o impacto da presença militar dos Estados Unidos na Ásia, desde o conflito da Segunda Guerra Mundial, seguindo a Guerra da Coreia e a Guerra do Vietnã, somando-se a isso a ocupação estadunidense no Japão (ISHIDA, 2019). Assim, é possível estabelecer uma conexão intrínseca do domínio sobre a mulher asiática ligada a conquista de uma nação, no sentido em que a visão de inferioridade e submissão transcorre (SAID, 2007, apud ISHIDA, 2019). À vista disso, Ishida (2019, p.57) afirma que “muitas das narrativas em que esse tipo de ideia está presente, a mulher asiática é tratada como um objeto sexual para satisfazer os desejos do homem branco, dominando-a e conquistando-a”.

Desse modo, destaca-se o estereótipo da mulher asiática como submissa e erótica

(LIM, 2014). Nesse viés, Lim (2014) argumenta através de artigos publicados em revistas estadunidenses renomadas como Huffington Post, nos quais permeiam uma descrição de mulheres chinesas sendo, em contrariedade ao individualismo e natureza determinante das ocidentais, pessoas passivas e obedientes, “a mulher ideal para o homem ocidental” capaz de atender a seus desejos (LIM, 2014). Com isso, Ishida (2019) cita o termo “*white savior*” (salvador branco), no qual apresenta o homem norte-americano como o socorro para os infortúnios da Ásia, instruído a salvar a mulher asiática de tais males. Em vista disso, corroborou-se a imagem das mesmas como submissas ao homem branco, circunstância na qual disseminou a concepção de que seu propósito de vida seria o de agradar e satisfazer aos desejos de seu “herói”.

HOLLYWOOD E SUA RETRATAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS

De acordo com o exposto, é importante ressaltar a forma em que os estereótipos influenciam na construção da identidade pessoal através da representação na mídia. Nesse contexto, destaca-se os filmes de Hollywood, como estímulos para uma má interpretação de comportamento para com os indivíduos amarelos no modo em que retratam em suma uma representação equivocada (SRIGANESHVARUN e CHIEN PUU, 2020). Com isso, analisou-se como os estereótipos citados são expostos em diversas obras cinematográficas e como tal abordagem é danosa para a construção de uma identidade pessoal.

Hollywood é um distrito da cidade de Los Angeles nos Estados Unidos, famosamente conhecido por ser o berço de filmes e artistas renomados (SRIGANESHVARUN e CHIEN PUU, 2020). Desse modo, os filmes hollywoodianos possuem grande impacto na cultura estadunidense e conseqüentemente, na cultura ocidental como um todo. Em vista disso, percebe-se que a má interpretação e representação de um grupo específico de indivíduos através de estereótipos podem incitar inúmeros tipos de problemáticas, como por exemplo, a discriminação racial e étnica.

Nesse âmbito, o foco está na complicação sobre a influência de estereótipos na construção de uma identidade livre de preconceções. Em outras palavras, como mencionado anteriormente, tais dimensões desenvolvem em si o sentimento de expectativas de comportamento para com o grupo específico e como resultado, os estereótipos ao extremo fazem com que esses indivíduos os assumam para si, danificando assim sua construção personalizada de identidade (BESANA et al, 2019).

A MINORIA MODELO

De acordo com o exposto, é fato que o estereótipo em questão é popularmente demonstrado em filmes hollywoodianos, difundindo assim uma imagem equivocada. Nesse âmbito, foram selecionados dois filmes para análise: *Gran Torino* (2008) e *A Grande Aposta* (2015). O primeiro narra a história de um veterano de guerra estadunidense, no qual passou vários anos de sua vida na Coreia durante a guerra. Nesse cenário, o personagem principal, Walt Kowalski, elencado por Clint Eastwood, expressa para audiência, de forma constante, seu ódio por asiáticos através de falas racistas e xenofóbicas. No decorrer da obra, sua perspectiva desse grupo é modificada a partir do contato com indivíduos do grupo étnico asiático Hmong.

Apesar da mudança de caráter com o desenvolvimento do personagem, suas falas negativas não podem ser removidas simplesmente de tal modo como se não tivessem nem existido. Isso porque, independentemente da edificação da moral de aceitação no longa-metragem, as mensagens retratadas são um cenário muito verdadeiro e realístico para a minoria amarela, em particular os asiáticos-americanos. Desse modo, nota-se a cena em que Walt faz uma pergunta para a personagem de Ahney Her, Sue Lor, na qual é uma mulher pertencente aos Hmongs. Dessa forma, a fala corresponde a “eu pensei que vocês, garotas asiáticas, deveriam ser inteligentes?” (*Gran Torino*, 2008). De acordo com tal indagação, pode-se relacionar a propagação do mito da minoria modelo como verdade.

Ademais, no filme *A Grande Aposta* (2015), destaca-se a cena na qual o personagem Jared Vennett, interpretado por Ryan Gosling, ao ser questionado sobre a contabilidade para uma oportunidade de aposta de investimento, aponta para seu analista Ted Jiang, elencado por Stanley Wong. Nesse decorrer, ele apresenta a seguinte fala “Olha para ele, reparou alguma coisa diferente nele? Olha a cara! Olha os olhos! Eu vou dar uma dica, o nome dele é Yang, ele ganhou um torneio nacional de matemática na China, ele nem fala nossa língua” (*A Grande Aposta*, 2015). De acordo com essa citação, o indivíduo mencionado procede para explicar à audiência que, na verdade, o seu nome é Jiang e ele de fato fala inglês de forma na qual ele esclarece também “Jared gosta de dizer que não falo porque fico parecendo mais autêntico” (*A Grande Aposta*, 2015).

Com base nas interações citadas, é implícito que, em vista da veracidade sobre as contas matematicamente realizadas para o investimento, a menção de sua aparência física pode ser relacionada ao mito da minoria modelo. Nesse sentido, é perceptível que o analista é asiático e dessa forma, ele deve ser necessariamente bom em matemática. Além disso, pode-se citar a fala do personagem de Steve Carell, Mark Baum, quando ele diz “isso é racismo” (*A Grande Aposta*, 2015) em resposta ao apontamento das características do

analista. Entretanto, sua fala passa despercebida pelos demais, assim como, muitas vezes, os estereótipos retratados também passam.

Com isso, vale lembrar que a má representação pode se tornar danosa para a construção de uma identidade livre de preconceções. Nesse sentido, a retratação da experiência de todos os asiáticos como se realmente fosse de tal forma é capaz de limitar as opções para exploração da individualidade (BESANA et al, 2019). “Esse mito pode ter efeitos prejudiciais para adolescentes e jovens adultos asiático-americanos, uma vez que a internalização desse estereótipo pode levar ao sofrimento psicológico de expectativas irreais e pressão para ter sucesso.” (BESANA et al, 2019, p. 204 , tradução nossa).

Assim, segundo a citação acima, Besana (2019) indica também que tais indivíduos podem se sentir “fora do lugar”, circunstância na qual a desconexão com seu grupo étnico racial leva aos sentimentos de isolamento e rejeição mencionados anteriormente. Além disso, é importante ressaltar aspectos que tal mito falha em reconhecer. Dessa forma, entende-se que asiáticos possuem experiências drasticamente diferentes navegando sucesso acadêmico e econômico, de forma na qual varia acerca de sua renda familiar, condições econômicas e oportunidades nos países de origem (BESANA et al, 2019).

O VILÃO ASIÁTICO

Apesar da mudança superficialmente positiva na percepção da comunidade asiática para a minoria modelo, não se pode passar a apagar da história a dispersão da prévia imagem discriminante do “perigo amarelo”, na qual impactou historicamente de forma negativa o povo amarelo. Desse modo, é necessário observar que tais pressupostos impulsionaram a forma na qual personagens asiáticos foram, com frequência, retratados como vilões, em especial homens japoneses e chineses das décadas de 10 a década de 40 (SRIGANESHVARUN e CHIEN PUU, 2020). Assim, no mundo dos filmes hollywoodianos, Fu Manchu, um personagem que inspirou muitos quadrinhos como o vilão “O Mandarim”, serviu para fortalecer tal estereótipo de perigo: um vilão misterioso, traiçoeiro e cruel (KAWAI, 2005).

Fu Manchu estava sempre sendo filmado no escuro com sombras profundas para mostrar sua maldade e mistério. Ele também foi retratado como alguém que cometeu muitos crimes monstruosos, como contrabando de drogas, jogo ilegal, estupro de mulheres brancas e assassinato de pessoas brancas (FULLER, 2010 apud SRIGANESHVARUN e CHIEN PUU, 2020, p.4, tradução nossa).

Com isso, Hollywood continuamente reforçou estereótipos cada vez mais

discriminantes, contribuindo, desse modo, para formação de uma percepção asiática equivocada na cultura estadunidense, na qual eventualmente, tornou-se a hegemonia do ocidente. Entretanto, vale notar o esforço no lançamento de um filme de super-herói com um protagonista asiático, *Shang Chi e a Lenda dos Dez Anéis* (2021). Nesse contexto, o estúdio de cinema norte-americano, Marvel Studios, traz para as telas adaptações de personagens de quadrinhos, substituindo o vilão inicial, Fu Manchu.

Desse modo, apesar de nos quadrinhos Fu Manchu ser o pai do protagonista Shang-Chi, a decisão da Marvel foi em vista do mesmo ter perpetuado estereótipos racistas por quase um século e sua história fora das HQ ter influenciado e consolidado a noção do “perigo amarelo” dos asiáticos. Assim, o legado de danos do personagem contrasta diretamente com a missão dos cineastas de elevar o público asiático-americano. Em vista disso, surgiu-se *O Mandarim* como um passo para direção certa do não reforçamento de estereótipos asiáticos (ABERNATHY, 2020).

A MULHER ASIÁTICA

Neste tópico acerca do estereótipo da mulher asiática, destacam-se dois termos nos quais elas enfrentam no que se concerne à representação em filmes hollywoodianos: “*china doll*” e “*dragon lady*” (SRIGANESHVARUN e CHIEN PUU, 2020). Nesse contexto, em um primeiro momento, Sriganeshvarun e Chien Puu (2020) discutem a longa-metragem da década de 60, *O mundo de Suzie Wong* (1960), de modo a retratar o estereótipo de “*china doll*”. Com isso, retomando a noção de uma imagem equivocada da mulher asiática passiva, Ishida (2019) propõe a seguinte definição para o termo:

O estereótipo da Gueixa ou *China Doll* (utilizados para a mulher japonesa e chinesa, respectivamente, mas não somente a elas atribuídos), caracterizam-nas como obedientes e passivas, sendo que, nesses contextos em que ela está inserida em meio aos costumes tradicionais de sua respectiva cultura, muitas vezes, uma visão errônea, distorcida e, de fato, orientalista, são fixadas à sua imagem (ISHIDA, 2019, p. 6).

Mais que isso, Sriganeshvarun e Chien Puu (2020) afirmam também que a expressão acima se refere a mulheres asiáticas, nas quais são supostas a serem sexualmente ativas, exóticas, hiperfemininas e dispostas a agradar e satisfazer. Dessa forma, é possível relacionar tal pensamento a uma representação extremamente estereotipada da personagem Suzie Wong, interpretada por Nancy Kwan. Isso porque, na obra, a mesma é uma prostituta, na qual é sexualmente ativa e satisfatória a homens brancos (SRIGANESHVARUN e CHIEN PUU, 2020). Mais que isso, ela é retratada como submissa e ingênua, apenas desejando

seguir aos desejos do seu namorado estadunidense, Robert Lomax, elencado por William Holden, no qual foi a Hong Kong em busca de oportunidades de negócios.

Desse modo, o filme finaliza com Robert “salvando” Suzie dos males do distrito vermelho de Hong Kong (PANER, 2018). Nesse âmbito, Paner (2018) cita Wang (2013) ao apontar que Robert “ao se tornar seu cavaleiro branco e se casar com sua *china doll*, ele poderia escapar dos limites de seu próprio mundo e encontrar o reino exótico do Oriente” (WANG, 2013, p.77, apud PANER, 2018, p. 15, tradução nossa). Em vista disso, pode-se relacionar também o termo mencionado anteriormente do “*white savior*” com o filme no sentido de que a mulher asiática pôde somente escapar de infortúnios através da “salvação” de um homem branco.

Com isso, no momento em que elas são representadas, por Hollywood, como submissas e passivas, a realidade pode imitar a arte. Isso porque, alimenta-se o pensamento de que mulheres asiáticas são assim na factualidade (PANER, 2018). A problemática contida nesse aspecto se dá em duas facetas. A primeira consiste na percepção dos outros em relação a elas. Nesse viés, compreende-se que por meio da influência de filmes hollywoodianos na visão das pessoas para com mulheres asiáticas, Paner (2018) direciona tal resultado para o aumento do risco de abuso sexual uma vez que são representadas como submissas e exóticas incitando uma imagem de fracas e ingênuas.

Ademais, a segunda faceta se dá na forma de internalização dos estereótipos. Desse modo, justamente por estarem em construção, é no período da juventude que as identidades de adolescentes e sua percepção sobre si mesmos são mais sensíveis às representações da mídia (BESANA et al, 2019). Assim, para jovens asiáticas, se sua única fonte de representação em obras cinematográficas são esses estereótipos, elas podem passar a entender que é somente deste modo que o mundo ocidental irá aceitá-las, podendo também internalizar tais concepções (PANER, 2018). Mais que isso, futuramente, com essa noção de si mesma, o empoderamento da mulher asiática pode ser afetado de modo negativo uma vez que são continuamente representadas de tal forma, degradadas como nada além de um objeto sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da identidade é extremamente essencial para a formação de indivíduos enquanto sociedade. Nesse sentido, torna-se imprescindível que a mesma seja criada de maneira livre de preconceções, para que assim, as pessoas possam desenvolver suas identidades pessoais através de relações sociais, mas que essas não sejam baseadas em

prejulgamentos errôneos acerca de sua raça. Desse modo, entende-se a influência dos estereótipos na possível danificação de uma identidade e no sentimento de pertencimento. Nesse âmbito, é importante ressaltar a má representação, em particular em filmes hollywoodianos, como raiz para o contínuo de tal problemática.

Em vista disso, destaca-se, em um primeiro momento, a formação histórica dos estereótipos. Assim, percebe-se a longa história de relacionamento entre a potência ocidental estadunidense com países do oriente. Dessa forma, vale notar a trajetória desde o “perigo amarelo” até a consolidação do mito da “minorias modelo” de maneira a perceber que essa formação histórica continua sendo danosa para o sentimento identitário de pertencimento. Além disso, observa-se o risco de um não empoderamento da mulher asiática uma vez que o estereótipo de “*china doll*” pode influenciar na formação da identidade de jovens e na percepção das mesmas no campo social.

Em vista disso, compreende-se que a principal forma de mídia e de representação para qualquer e todo indivíduo são as obras cinematográficas. Nesse sentido, Hollywood se consolidou como a maior indústria de filmes no mundo e influenciadora de pensamentos. Por isso, longas-metragens como *Gran Torino* (2008), *A Grande Aposta* (2015) e *o Mundo de Suzie Wong* (1960) são só algumas de diversas obras que retratam uma imagem equivocada de percepção de asiáticos.

Ademais, é possível apontar uma outra problemática no mundo dos filmes hollywoodianos, o “*whitewashing*”, na tradução literal “lavagem branca”. Esse termo consiste em pessoas brancas sendo elencadas em papéis nos quais os personagens são ou possuem algum vínculo de ancestralidade com a Ásia. Mais que isso, observa-se também que, muitas vezes, personagens asiáticos são somente retratados como personagens secundários para alívio cômico. Nesse âmbito, Aoki (2020, p.11) aponta que “crescer sem enxergar pessoas parecidas consigo na mídia acaba criando a sensação de serem eternos estrangeiros em seus próprios países, o que os leva a acreditar desde cedo que não pertencem nem ao mesmo lugar em que nasceram”.

No entanto, percebe-se que, atualmente, asiáticos estão sendo mais representados na mídia para além de seus estereótipos. Nesse sentido, destaca-se a popularidade do gênero musical *K-Pop* e dos *K-dramas*, nos quais caracterizam a estratégia política de “*soft power*” da Coreia do Sul. Desse modo, possibilitou-se uma maior inserção de reprodução asiática, na qual grupos de *K-Pop*, como por exemplo, BTS, demonstram-se como símbolos de referência para representação asiática no mundo.

BIBLIOGRAFIA

ABERNATHY, Kristen. *Shang-Chi: Why Marvel Is Right To Replace Fu Manchu With The Mandarin*. 2020. Disponível em: <https://screenrant.com/shang-chi-fumanchu-mandarin-replacement-racism-controversy/>. Acesso em: 14 jun. 2022.

ALMEIDA, A. P. *et al.* A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE. *FAIT*, Itapeva, v. 1, n. 1, p. 1, mai./2013. Disponível em: http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/N3RULeGGRNSxsmJ_2014-4-16-21-35-4.pdf. Acesso em: 9 mar. 2022.

A GRANDE APOSTA. Direção: Adam McKay. Produção: Dede Gardner; Jeremy Kleiner; Arnon Milchan e Brad Pitt. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2015. 1 DVD.

AOKI, Amanda Tiemi. *Asiáticas amarelas para além da minoria modelo: representatividade em narrativas contraestereotípicas*. 2020. 91 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/22f6755e-a057-41ed-b3fc-6f232ea3d7ca/tc4445-amanda-aoki-asiaticas.pdf>. Acesso em: 20 maio 2022.

BESANA, Tiffany *et al.* Asian American Media Representation: a film analysis and implications for identity development. *Research In Human Development*, [S.L.], v. 16, n. 3-4, p. 201-225, 2 out. 2019. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/15427609.2020.1711680>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15427609.2020.1711680>. Acesso em: 28 maio 2022

CABECINHAS, Rosa. Processos cognitivos, cultura e estereótipos sociais. In: *// CONGRESSO IBÉRICO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2.*, 2004, Covilhã. Anais [...]. Braga: Anais, 2004. p. 1-18. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/1650/1/rcabecinhas_II_Iberico_2004.pdf. Acesso em: 12 maio 2022.

CORRÊA, Fernanda Müller. *Identidade e reconhecimento em Charles Taylor: A questão multicultural na sociedade liberal-democrática*. 2017. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, São Leopoldo, 2017. Disponível em: http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/6393/Fernanda%20M%c3%bcller%20Corr%c3%aaa_.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 12 maio 2022.

DESCONHECIDO. Pôster do *Yellow Peril*. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:YellowTerror.jpg>. Acesso em: 08 abr. 2022.

GRAN TORINO. Direção: Clint Eastwood. Produção: Clint Eastwood. Estados Unidos: Warner Bros, 2008. 1 DVD.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Stuart Hall: tradução

Tomaz Tadeu da Silva Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ISHIDA, Tamilyn Tiemi Massuda. Fetichização da mulher leste asiática e de suas dispersões transnacionais: o papel do design em sua conscientização e resistência. *Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística*, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 54-68, jun. 2019. Mensal. Disponível em: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistainiciacao/wp-content/uploads/2019/10/Artigo-4.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2022.

KAWAI, Yuko. *Stereotyping Asian Americans: The Dialectic of the Model Minority and the Yellow Peril*. Howard Journal Of Communications. Tóquio, p. 109-130. 16 ago. 2005. Disponível em: <https://sci-hub.se/https://doi.org/10.1080/10646170590948974>. Acesso em: 08 abr. 2022.

LIM, Alan A. *Yellow Peril: a legacy or a forgotten past? A content analysis of Chinese representations in today's U.S. news media*. 2014. 29 f. Tese (Doutorado) - Curso de Communication, Department Of Communication, University Of Washington, Seattle, 2014. Disponível em: https://com.uw.edu/wp-content/uploads/2021/08/Alan-Lim_A-content-analysis-of-Chinese-representations-in-todays-U-S-news-media.pdf. Acesso em: 18 maio 2022.

O MUNDO DE SUZIE WONG. Direção: Richard Quine. Produção: Hugh Perceval. Estados Unidos: MGM British Studios, 1960. 1 DVD.

PANER, Isabel. *The Marginalization and Stereotyping of Asians in American Film*. 2018. 35 f. Tese (Doutorado) - Curso de Bacharelado de Artes, Comunicação e Mídia, Dominican University Of California, São Rafael, 2018. Cap. 36. Disponível em: <https://scholar.dominican.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1030&context=honors-theses>. Acesso em: 08 abr. 2022

PAULO, James Octávio da Silva. *Ameaça de Estereótipo: Efeitos da identidade racial, percepção intergrupala e sexo*. 2014. 40 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia do Trabalho em Contextos Internacionais e Interculturais, Escola de Psicologia e Ciências da Vida, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2014. Disponível em: https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/5026/1/James%20Oct%20a1vio%20da%20Silva%20Paul%20_Amea%20de%20estere%20tipo%20efeitos%20da%20identidade%20racial%20perce%20a7%20intergrupala%20e%20sexo.pdf. Acesso em: 13 maio de 2022.

SHANG-CHI E A LENDA DOS DEZ ANÉIS. Direção: Destin Daniel Cretton. Produção: Kevin Feige. Estados Unidos: Walt Disney Studios, 2021. 1 DVD.

SILVA, Tomaz Tadeu (organizador); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença – perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. Disponível em: http://diversidade.pr5.ufrj.br/images/banco/textos/SILVA_-_Identidade_e_Diferen%C3%A7a.pdf. Acesso em: 4 maio 2022.

SOENNICHSEN, John. *The Chinese Exclusion Act of 1882*. Santa Barbara: Greenwood, 2011.

SRIGANESHVARUN, Nagaraj; CHIEN PUU, Wen. Asian Stereotypes: Asian Representation in Hollywood Films. *INTI JOURNAL*, [S. l.], v. 2020, n. 63, p. 2600-7320, 11 set. 2020. Disponível em: http://eprints.intimal.edu.my/1485/1/vol.2020_063.pdf. Acesso em: 11 mar. 2022.

TAYLOR, Charles. *Multiculturalism: Examining the Politics of Recognition*. New Jersey: Princeton University Press, 1994.

Recebido em 05/10/2022

Aprovado em 14/10/2022